

A ABORDAGEM DA DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO NAS ANIMAÇÕES POR MEIO DA HISTÓRIA: UMA REVISÃO NARRATIVA

THE APPROACH TO SEXUAL AND GENDER DIVERSITY IN ANIMATIONS THROUGHOUT HISTORY: A NARRATIVE REVIEW

EL ABORDAJE DE LA DIVERSIDAD SEXUAL Y DE GÉNERO EN LAS ANIMACIONES A LO LARGO DE LA HISTORIA: UNA REVISIÓN NARRATIVA

Fernando Henriques de Almeida Ferraz¹ 

Resumo: As animações são agentes de socialização que influenciam a formação de percepções sociais, contudo, a representação da diversidade sexual e de gênero nesse meio enfrentou historicamente apagamento e censuras. Este estudo tem como objetivo realizar uma pesquisa e revisão narrativa sobre a evolução histórica da diversidade sexual e de gênero nas animações, traçando um paralelo entre produções ocidentais e orientais. Trata-se de uma revisão narrativa da literatura com análise histórico-documental de obras animadas. Os resultados demonstram três fases distintas: a consolidação de estereótipos binaristas e codificação *queer* negativa (até 1970); a inserção cautelosa de fluidez de gênero e o choque cultural (anos 1980 e 1990); e a representação explícita e afirmativa no século XXI, impulsionada pelas plataformas de *streaming*. Conclui-se que, apesar da democratização dos meios de produção permitir narrativas mais autênticas e saudáveis para o desenvolvimento identitário do público infantojuvenil, a diversidade nas animações ainda enfrenta barreiras sociopolíticas, autocensura mercadológica e pânico morais, exigindo resiliência de criadores e da sociedade.

Palavras-chave: Diversidade de Gênero; Representação LGBTQIAPN+; Animação; Censura; *Streaming*.

Abstract: Animations are socializing agents that influence the formation of social perceptions; however, the representation of sexual and gender diversity in this medium has historically faced erasure and censorship. This study aims to conduct a research and narrative review on the historical evolution of sexual and gender diversity in animations, drawing a parallel between Western and Eastern productions. This is a narrative literature review with historical-documentary analysis of animated works. The results demonstrate three distinct phases: the consolidation of binaristic stereotypes and negative *queer* coding (until 1970); the cautious insertion of gender fluidity and cultural clash (1980s and 1990s); as well as explicit and affirmative representation in the 21st century, driven by streaming platforms. It was possible to conclude that, in spite of the fact that the democratization of the means of production allow more authentic and healthy narratives for the identity development of young audiences, diversity in animations still faces sociopolitical barriers, market self-censorship and moral panics, requiring resilience from creators and society.

Keywords: Gender diversity; LGBTQIAPN+ representation; Animation; Censorship; Streaming.

Resumen: Las animaciones son agentes de socialización que influyen en la formación de percepciones sociales; sin embargo, la representación de la diversidad sexual y de género en este medio ha enfrentado históricamente el silenciamiento y la censura. Este estudio tiene como objetivo llevar a cabo una investigación y una revisión narrativa sobre la evolución histórica de la diversidad sexual y de género en las animaciones, estableciendo un paralelismo entre las producciones occidentales y orientales. Se trata de una revisión narrativa de la literatura con análisis histórico-documental de obras animadas. Los resultados demuestran tres fases distintas: la consolidación de estereotipos binarios y la codificación *queer* negativa (hasta 1970); la incorporación cautelosa de la fluidez de género y el choque cultural (décadas de 1980 y 1990); y la representación explícita y afirmativa en el siglo XXI, impulsada por las plataformas de *streaming*. Se concluye que, si bien la democratización de los medios de producción permite narrativas más auténticas y saludables para el desarrollo identitario del público infantojuvenil, la diversidad en las animaciones sigue enfrentando barreras sociopolíticas, autocensura comercial y pánicos morales, lo que exige resiliencia por parte de los creadores y de la sociedad.



¹Especialista. Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, Brasil. Pesquisador independente. ferraz@plokmoon.com

Palabras clave: Diversidad de género; Representación LGBTQIAPN+; Animación; Censura; Streaming.

Introdução

As animações são, historicamente, uma forma de arte que transcende barreiras culturais, atuando como poderosos agentes de socialização. Elas influenciam profundamente o imaginário coletivo e a formação de percepções sociais sobre temas como gênero e sexualidade (Santoniccolo et al., 2023; Scharrer; Ramasubramanian; Banjo, 2022). Desde as primeiras produções do início do século XX, a indústria da animação consolidou-se como um veículo potente de disseminação de valores culturais (Umer; Ali, 2025; Brown, 2025a), desempenhando um papel crucial no desenvolvimento cognitivo e identitário, especialmente entre o público jovem (Brown, 2025a; Escobar-Chaves et al., 2005). No entanto, a representação da diversidade sexual e de gênero dentro desse meio seguiu uma trajetória permeada por desafios e transformações graduais (Santoniccolo et al., 2023), acompanhando as mudanças sociais, políticas e culturais das sociedades ocidentais e orientais (Carvalho; Souza, 2023; Scharrer; Ramasubramanian; Banjo, 2022).

Durante grande parte da história das animações, as normas heteronormativas e os estereótipos de gênero dominaram as narrativas de forma hegemônica (Umer; Ali, 2025). Personagens LGBTQIAPN+ eram, na maioria das vezes, invisibilizados ou retratados de maneira caricata, servindo frequentemente como alívio cômico ou figuras vilanescas (Li-Vollmer; Lapointe, 2003). Essa dinâmica refletia uma indústria e uma sociedade predominantemente conservadoras que rejeitavam discussões abertas sobre a pluralidade de identidades

sexuais (Amery; Mondon, 2025; Osborn, 2025; Toledo, 2025). No campo dos estudos de mídia e sexualidade, essa invisibilidade caracteriza um processo de aniquilação simbólica (Scharrer; Ramasubramanian; Banjo, 2022), reforçando a ideia de que questões de gênero e sexualidade não eram apropriadas para o público infantojuvenil (Santoniccolo et al., 2023). Consequentemente, perpetuaram-se estigmas que limitaram a diversidade de representações na mídia de massa, impactando negativamente o senso de pertencimento e a construção da identidade de jovens dissidentes sexuais e de gênero (Gomillion; Giuliano, 2011).

A partir das décadas de 1980 e 1990, impulsionada pelo avanço dos movimentos civis pelos direitos LGBTQIAPN+ e pelo surgimento de uma nova geração de criadores de conteúdo, observou-se uma lenta, mas significativa, mudança na forma como as mídias animadas abordavam essas questões (Scharrer; Ramasubramanian; Banjo, 2022; Dennis, 2003). Animações ocidentais começaram a inserir, ainda que de forma velada ou codificada, personagens que desafiavam os papéis tradicionais de gênero (Dennis, 2003). Em contrapartida, no Japão, animes como *Sailor Moon* (1992) e *Neon Genesis Evangelion* (1995) trouxeram para o debate público representações pioneiras e mais explícitas de personagens LGBTQIAPN+ e de fluidez de gênero (Carvalho; Souza, 2023). Contudo, evidencia-se um choque cultural e mercadológico, visto que muitas dessas representações orientais enfrentaram severa censura, dublagens alteradas e cortes, ao serem exportadas para o Ocidente (Hoskin, 2016).

Já no século XXI, com a consolidação das plataformas de *streaming* e a consequente descentralização das grandes redes de televisão, houve uma maior autonomia concedida aos criadores independentes (Austin, 2023; Scharrer; Ramasubramanian; Banjo, 2022). Animações como *Steven Universe* (2013) e *She-Ra e as Princesas do Poder* (2018) romperam paradigmas ao desafiar abertamente normas de gênero e sexualidade, apresentando de forma naturalizada personagens de gênero fluido, relações homoafetivas e a celebração da diversidade (Austin, 2023; Dunn, 2016; Kennedy, 2021; Thomas, 2021). Esses avanços, porém, não se consolidaram sem resistência (Osborn, 2025). Em diversos contextos globais, essas obras enfrentam retaliações, censuras estatais e críticas de setores conservadores da sociedade, que frequentemente as acusam de promover uma agenda ideológica para o público infantil, revelando as tensões ainda existentes em torno da educação sexual e da moralidade pública (Amery; Mondon, 2025; Burgess; Brettschneider; Keating, 2018; Jans et al., 2026; Reinhard, 2025).

Apesar do crescente interesse pelo tema, nota-se uma lacuna na literatura científica no que tange a análises amplas que cruzem as perspectivas históricas e mercadológicas entre o Oriente e o Ocidente (Carvalho; Souza, 2023; Di Santo; Borges, 2025; Scharrer; Ramasubramanian; Banjo, 2022). Diante disso, este artigo visa a realizar uma revisão narrativa e histórica da abordagem da diversidade sexual e de gênero nas

animações, traçando um paralelo evolutivo entre as produções ocidentais e orientais. Busca-se analisar as barreiras sociopolíticas enfrentadas, os artifícios criativos utilizados para contornar a censura e os avanços conquistados até a era do *streaming*.

Metodologia

Este estudo consiste em uma revisão narrativa da literatura combinada à análise histórico-documental de mídias (Carvalho; Souza, 2023; Mongim; Menandro; Sant'anna, 2024), focada na representação da diversidade sexual e de gênero em animações nos séculos XX e XXI. O levantamento bibliográfico ocorreu entre junho de 2024 e maio de 2026, nas bases SciELO e Google Scholar, utilizando os descritores: representação LGBT, estudos de gênero, história da animação e censura midiática, priorizando publicações dos últimos cinco anos. Ao final do processo de triagem, foram selecionadas 50 publicações para compor o referencial teórico-metodológico do artigo, abrangendo textos nos idiomas português, inglês e espanhol.

Para a análise qualitativa do *corpus* audiovisual, incluíram-se produções ocidentais e orientais de grande alcance comercial (*mainstream*) que representam marcos históricos, seja pelo reforço de estereótipos ou pela subversão de papéis normativos, excluindo-se obras experimentais ou de nicho restrito.

Os dados e as obras foram organizados cronologicamente para evidenciar as transformações socioculturais, os impactos da censura e a evolução dos recursos criativos ao longo das décadas. Por utilizar exclusivamente materiais bibliográficos e mídias de domínio público, o estudo dispensa submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa.

Primórdios e a consolidação de estereótipos (Até 1970)

Na década de 1930, *Betty Boop* emergiu como ícone de uma feminilidade hipersexualizada. Apesar de sua ousadia visual e certa independência, a personagem não escapava da mercantilização do corpo feminino. Reduzida a um objeto de desejo sob a ótica do “olhar masculino”, sua presença servia primariamente à exploração visual e cômica, consolidando a imagem da mulher frívola (Campos, 2026; Santoniccolo et al., 2023). Embora com outro enfoque, esse padrão se repetiu em obras como *Red Hot Riding Hood* (1943), dirigida por Tex Avery. A animação satirizava contos de fadas com uma versão de Chapeuzinho Vermelho que performava em clubes noturnos, levando o Lobo a reações de desejo desenfreado (Abele, 2023; Carrasco Yelmo, 2024; Welsh-Burke, 2023). Nessas narrativas, as mulheres pareciam visualmente empoderadas, mas sua única fonte de poder residia na capacidade de provocar a libido masculina, destituídas de agência intelectual ou narrativa própria (Santoniccolo et al., 2023).

Em contrapartida, a masculinidade hegemônica era exaltada e inquestionável. Personagens como *Popeye* consolidavam a imagem do homem provedor e protetor, cuja validade estava atrelada à sua força física e virilidade (Ahmed; Wahab, 2014; Raju et al., 2023). A violência, muitas vezes direcionada a rivais como forma de disputar ou salvar a figura feminina, refletia o ideal patriarcal da época (Carvalho Filho; Maknamara, 2019). Olívia Palito, por sua vez, personificava o arquétipo da donzela em perigo: frágil, dependente e tratada como uma posse a ser conquistada, desprovida de autonomia (Umer; Ali, 2025).

Apesar da rigidez do binarismo, as animações clássicas flertavam com a subversão de papéis de gênero, mas de maneira estritamente caricatural e ancorada no alívio cômico (Dennis, 2003; Santoniccolo et al., 2023). O uso do travestimento foi um recurso frequente em várias franquias. Na década de 1940, Pernalonga, por exemplo, assumia performances femininas para ludibriar adversários; dinâmicas semelhantes ocorreram em *Tom & Jerry* e até mesmo com *Popeye*, em interações cômicas (Dennis, 2003; Sadiq; Baghavandoss, 2024). No entanto, essa fluidez de gênero não carregava qualquer implicação de reconhecimento identitário. Pelo contrário, tratava-se de um artifício humorístico que gerava o riso justamente por apresentar a quebra da norma de gênero como algo absurdo e ridículo, reforçando, paradoxalmente, a validade do padrão heteronormativo (Dennis, 2003; Santoniccolo et al., 2023).

A representação de masculinidades dissidentes sofria um estigma ainda mais severo. Na ausência de personagens abertamente homossexuais, a indústria estabeleceu o que os teóricos da mídia chamam *queer*

coding com viés negativo (Dennis, 2003). Comportamentos afeminados em personagens masculinos eram sistematicamente associados à vilania, à manipulação e à falta de caráter (Li-Vollmer; Lapointe, 2003). Em clássicos como *Pinóquio* (1940), figuras como João Honesto e Gideão representavam antagonistas excessivamente polidos e delicados, canalizando as ansiedades culturais da época contra masculinidades desviantes. Esse arquétipo do vilão ou laçao afeminado tornou-se uma ferramenta tão poderosa para expressar falência moral que deixou um legado duradouro na animação ocidental, influenciando o *design* de personagens por décadas, perpetuando-se até produções mais recentes, a exemplo de LeFou, em *A Bela e a Fera* (1991) (Li-Vollmer; Lapointe, 2003).

Essa cristalização de representações limitantes e preconceituosas persistiu até os anos 1970 e foi profundamente influenciada pelo Código Hays, um conjunto de diretrizes morais rígidas que controlou as produções audiovisuais nos Estados Unidos, por décadas (Brown, 2025b; Toledo, 2025). O código proibia terminantemente menções explícitas à homossexualidade e à fluidez de gênero, classificando-as oficialmente como perversões sexuais, forçando a indústria a mascarar ou apagar essas identidades sob o pretexto de adequação ao grande público (Toledo, 2025).

Cabe lembrar que essa normatividade imposta pelo Código Hays encontrava profundo respaldo no pensamento científico hegemônico da época. Até 1973, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) classificava a homossexualidade (então patologizada sob o sufixo 'ismo') como um transtorno mental (Drescher, 2015). Esse endosso clínico norteava a cultura, ditava os padrões de comportamento aceitáveis e fornecia a justificativa 'científica' para que a censura estatal e mercadológica impusesse uma cultura de invisibilidade institucionalizada para qualquer vivência LGBTQIAPN+ nas animações (Dennis, 2003; Sadiq; Baghavandoss, 2024). Somente com a progressiva decadência dessas diretrizes nos anos 1960 e o avanço da despatologização na década seguinte é que as barreiras da representação começaram a ruir, abrindo um tímido, porém irreversível, caminho para as discussões sobre diversidade que viriam a florescer nas décadas seguintes (Dennis, 2003).

A Inserção de personagens com gênero fluido e a inversão de papéis (Anos 1980 a 1990)

As décadas de 1980 e 1990 marcaram uma transição fundamental na animação, impulsionada pelos movimentos de libertação sexual e debates sobre igualdade de gênero (Dennis, 2003; Scharrer; Ramasubramanian; Banjo, 2022). Nesse cenário, as produções passaram a tensionar as fronteiras do binarismo, ainda que de forma cautelosa (Scharrer; Ramasubramanian; Banjo, 2022). Séries como *He-Man* (1983) e *She-Ra* (1985) exemplificam essa flexibilização inicial. Embora *He-Man* exibisse hipermasculinidade anatômica, sua estética flertava fortemente com a cultura *camp*², subvertendo o padrão militarizado tradicional, enquanto *She-Ra* inverteu expectativas ao centralizar uma mulher como líder tática e heroína de ação (Austin, 2023; Thomas, 2021). A personagem apropriou-se de espaços de poder e força historicamente masculinos, sem abrir mão da feminilidade, complexificando os modelos de identificação infantojuvenis (Austin, 2023; Thomas, 2021).

No âmbito das animações adultas e seriadas, o final dos anos 1980 inaugurou a introdução de personagens LGBTQIAPN+ de forma mais recorrente, embora fortemente codificada (Santoniccolo et al., 2023). Em *Os Simpsons* (1989), a dinâmica de Waylon Smithers ilustra o arquétipo do homossexual enrustido. Retratado com traços de subordinação e com um afeto romântico inegável, porém platônico, por seu chefe, o Sr. Burns, Smithers marcou uma das primeiras representações contínuas da homossexualidade na televisão animada ocidental (Dennis 2003). A cautela da mídia hegemônica em lidar com a diversidade exigia que essas inserções fossem subentendidas ou mascaradas pela comédia, revelando o estigma que ainda cercava a visibilidade explícita de orientações sexuais dissidentes (Santoniccolo et al., 2023; Scharrer; Ramasubramanian; Banjo, 2022).

Por outro lado, o final da década de 1990 testemunhou a ruptura com essa caricatura em produções de vanguarda. A série *Mission Hill* (1999) destacou-se como um marco histórico ao introduzir Gus e Wally, um

²Popularizada por Susan Sontag (1964), a estética *camp* se caracteriza pelo exagero, pelo artifício, pela teatralidade e pela ironia. Posteriormente, nos Estudos Culturais e na Teoria *Queer*, o conceito passou a ser amplamente reconhecido como uma ferramenta de resistência LGBTQIAPN+, que utiliza o excesso e o humor para subverter e desestabilizar a rigidez das normas hegemônicas de gênero e sexualidade.

casal gay de meia-idade retratado com profunda humanização e naturalidade (Scharrer; Ramasubramanian; Banjo, 2022). Diferente da norma estabelecida de hipersexualização ou uso do “afeminamento” como piada, os personagens vivenciavam as banalidades do cotidiano doméstico. Essa abordagem realista foi pioneira ao desestigmatizar as relações homoafetivas, inserindo-as em um contexto de normalidade e validação emocional (Santonniccolo et al., 2023; Scharrer; Ramasubramanian; Banjo, 2022).

Em paralelo, a animação oriental apresentava abordagens muito mais audaciosas sobre orientação sexual e fluidez de gênero (Carvalho; Souza, 2023). O anime japonês *Sailor Moon* (1992) foi revolucionário ao apresentar o casal lésbico Haruka e Michiru (Hoskin, 2016). Haruka desafiava categorias tradicionais ao adotar uma expressão andrógina e transitar fluidamente entre performances de gênero (Sundaram, 2025). Já em *Neon Genesis Evangelion* (1995), a relação ambígua entre Shinji e Kaworu fundiu vulnerabilidade psicológica e profunda tensão homoerótica (Carvalho; Souza, 2023; Sundaram, 2025). No entanto, o choque moral tornou-se evidente na exportação dessas obras. Para adequá-las à moralidade conservadora ocidental, adaptações sofreram intensa censura institucional. A dublagem estadunidense reescreveu o romance de Haruka e Michiru, transformando-as em primas, uma manobra de apagamento que escancarou a resistência do mercado ocidental à diversidade sexual (Hoskin, 2016).

Simultaneamente, nos Estados Unidos, séries satíricas optaram pela transgressão agressiva. *South Park* (1997) inseriu personagens LGBTQIAPN+ logo em suas primeiras temporadas, como Big Gay Al e, posteriormente, o Senhor Escravo (Scharrer; Ramasubramanian; Banjo, 2022). Embora as representações fossem intencionalmente exageradas e repletas de estereótipos, o objetivo narrativo frequentemente não era o ataque direto à comunidade, mas o uso do humor grotesco e da hipérbole para expor e ridicularizar a homofobia e a hipocrisia da sociedade conservadora (Santonniccolo et al., 2023). Essa estratégia de choque abriu espaço para que temas até então proibidos fossem debatidos abertamente no entretenimento de massa, ainda que de forma controversa (Santonniccolo et al., 2023; Scharrer; Ramasubramanian; Banjo, 2022).

Em síntese, as décadas de 1980 e 1990 funcionaram como um laboratório de tensões midiáticas. Embora a presença de personagens LGBTQIAPN+ ainda precisasse negociar espaço com as amarras da censura, do humor velado e do apagamento tradutório, a crescente visibilidade dessas identidades preparou um terreno fértil (Dennis, 2003). A transição da subversão codificada para a representação mais franca pavimentou a base necessária para as abordagens diretas que viriam a reconfigurar o cenário das animações no século seguinte (Scharrer; Ramasubramanian; Banjo, 2022).

O século XXI: representação explícita e o papel do streaming

A consolidação da década de 2010 marcou uma ruptura paradigmática na abordagem da diversidade sexual e de gênero nas animações, impulsionada pelas plataformas de *streaming* (Alam et al., 2026; Austin, 2023). Rompendo a dependência de televisões tradicionais e anunciantes avessos a polêmicas, o novo modelo ofereceu liberdade criativa inédita (Austin, 2023). Essa descentralização permitiu que criadores LGBTQIAPN+ assumissem a autoria de suas narrativas, trocando a codificação sutil do passado por representações afirmativas, explícitas e orgânicas (Alam et al., 2026).

No âmbito infantojuvenil, produções como *Hora de Aventura*, *Steven Universe*, *She-Ra* e *as Princesas do Poder* e *Kipo e os Animonstros* redefiniram os limites do que era considerado aceitável para o público jovem (Austin, 2023; Dunn, 2016; Thomas, 2021). Essas obras abandonaram o uso de personagens *queer* como meros alívios cômicos ou coadjuvantes trágicos, alçando-os ao centro afetivo e heroico das tramas.

Em *Hora de Aventura*, o desenvolvimento gradual da relação romântica entre Marceline e a Princesa Jujuba culminou em uma validação explícita de seu afeto, algo raro até então (Alam et al., 2026; Scharrer; Ramasubramanian; Banjo, 2022). *Steven Universe* foi ainda mais longe ao desconstruir ativamente as noções de binarismo de gênero (Dunn, 2016; Kennedy, 2021) e ao realizar marcos históricos, como a exibição do primeiro casamento homoafetivo em uma animação infantil *mainstream*, entre as personagens Ruby e Sapphire (Kennedy, 2021). A série subverteu os tropos³ tradicionais dos contos de fadas, substituindo a normatividade

³Na crítica de mídia e nos estudos literários, o termo “tropo” refere-se a convenções narrativas, temas, motivos ou clichês recorrentes que o público reconhece instantaneamente (Moisés, 2004, p. 453). No contexto dos contos de fadas clássicos, a figura da donzela em perigo aguardando o resgate do príncipe é um exemplo tradicional de tropo narrativo.

do príncipe e da princesa por uma celebração explícita do amor *queer* (Dunn, 2016; Kennedy, 2021).

Essas produções contemporâneas também se destacaram pela naturalização das vivências LGBTQIAPN+. Em *Kipo e os Animonstros*, o personagem Benson revela sua homossexualidade de forma casual, sendo acolhido sem drama ou conflito (Salazar et al., 2020; Scharrer; Ramasubramanian; Banjo, 2022). Essa abordagem afirmativa é crucial do ponto de vista psicológico e social, pois rompe com a narrativa histórica que associava identidades divergentes obrigatoriamente ao sofrimento, à rejeição familiar ou ao trauma, oferecendo aos jovens espectadores modelos de desenvolvimento identitário saudáveis e positivos (Salazar et al., 2020; Gomillion; Giuliano, 2011).

O amadurecimento narrativo se estendeu também às animações adultas, inclusive àquelas que outrora dependiam da sátira agressiva. A série *South Park*, famosa por seu humor ácido e transgressor, revisitou suas próprias dinâmicas ao abordar o relacionamento entre as crianças Craig e Tweek. O que começou como uma piada metalinguística sobre a cultura de fãs evoluiu para um retrato surpreendentemente terno e levado a sério pela narrativa da série (Scharrer; Ramasubramanian; Banjo, 2022). Da mesma forma, a trajetória do Sr. Garrison, que ao longo de várias temporadas passou por transições de gênero, refletiu de forma caótica, porém contínua, as complexidades e o ruidoso debate público em torno da transgeneridade e da fluidez identitária na sociedade contemporânea (Dunn, 2016; Santoniccolo et al., 2023).

Outro avanço representativo formidável ocorreu na série *BoJack Horseman* (2014), com a inclusão de Todd Chavez, que se descobriu e se assumiu assexual (Santoniccolo et al., 2023). A assexualidade é historicamente invisibilizada na mídia ou erroneamente tratada como um déficit clínico ou patológico (Scharrer; Ramasubramanian; Banjo, 2022; Santoniccolo et al., 2023). A jornada de Todd foi celebrada por abordar o espectro assexual com sensibilidade e precisão, ilustrando sua construção identitária e busca por comunidade sem reduzi-lo a piadas sobre falta de libido. A série validou a assexualidade como uma orientação completa e digna de protagonismo (Scharrer; Ramasubramanian; Banjo, 2022).

As animações de caráter puramente educativo também adotaram posturas mais inclusivas, o que gerou impactos sociais diretos (Salazar et al., 2020). Um exemplo emblemático ocorreu na série infantil *Arthur* (2019), que retratou o casamento do professor Sr. Ratburn com seu parceiro Patrick (Brown, 2025a; Scharrer; Ramasubramanian; Banjo, 2022). A inserção desse evento de forma corriqueira e celebratória em um programa de forte apelo pedagógico representou um esforço de normalizar a existência de adultos e famílias homoafetivas no convívio social das crianças, ensinando respeito e cidadania (Scharrer; Ramasubramanian; Banjo, 2022).

No entanto, essa visibilidade afirmativa gerou uma contraofensiva cultural intensa em escala transnacional, manifestando-se com contornos de pânico moral muito específicos no mundo ocidental, notadamente nos Estados Unidos e na América Latina (Amery; Mondon, 2025; Jones, 2025; Osborn, 2025; Bustamante; Cotrina; Jordán, 2022). A inclusão de pautas LGBTQIAPN+ tornou-se o epicentro de pânicos morais orquestrados por grupos conservadores e religiosos, que frequentemente acusam essas produções de promoverem uma ideologia inadequada e de ameaçarem a suposta pureza infantil (Amery; Mondon, 2025; Marwick et al., 2024; Osborn, 2025; Reinhard, 2025). O primeiro episódio da 22ª temporada de *Arthur*, chamado “Mr. Ratburn and the Special Someone”, lançado em maio de 2019, por exemplo, sofreu censura governamental e foi banido de emissoras de televisão pública em estados conservadores dos Estados Unidos, como o Alabama (Osborn, 2025; Reinhard, 2025). Essa reação ilustra a crença de que a simples existência de indivíduos *queer* é inerentemente adulta ou de cunho sexual, evidenciando como a televisão infantil ainda é um campo de disputa ideológica (Osborn, 2025).

O Brasil forneceu um exemplo nítido de como essa resistência opera mesmo fora da esfera infantil. A série *Super Drags* (2018), uma produção original brasileira da Netflix centrada em *drag queens* super-heroínas, gerou uma imensa onda de repúdio moral antes mesmo de sua estreia (Bustamante; Cotrina; Jordán, 2022). Apesar de possuir classificação indicativa explícita para o público adulto, grupos conservadores e políticos organizaram campanhas de difamação acusando a obra de tentar induzir crianças à cultura LGBTQIAPN+ (Marwick et al., 2024). A pressão mercadológica e o desgaste público foram tão expressivos que a plataforma cancelou a série após uma única temporada (Bustamante; Cotrina; Jordán, 2022; Reinhard, 2025). O caso de *Super Drags* é emblemático por demonstrar que, embora o *streaming* ofereça refúgio contra as limitações da televisão aberta, ele não está imune à força das campanhas de censura estruturadas por setores conservadores

da sociedade (Reinhard, 2025).

Em suma, o século XXI estabelece uma dualidade na história das animações. Se por um lado o *streaming* e a mudança geracional viabilizaram uma era de ouro para a representação explícita, diversa e afirmativa da pluralidade sexual e de gênero, por outro, essas obras continuam operando em um campo de batalha cultural (Jans et al., 2026). A luta por narrativas que humanizem a comunidade LGBTQIAPN+ segue enfrentando as barreiras do preconceito institucionalizado, exigindo constante resiliência de criadores e do público aliado para garantir que a diversidade deixe de ser vista como uma subversão e passe a ser compreendida como um reflexo genuíno da experiência humana (Last et al., 2026; Phan, 2025).

Discussão

Apesar dos inegáveis avanços socioculturais na representação LGBTQIAPN+ nas animações, a conquista da visibilidade integral esbarra em profundas barreiras sistêmicas. O obstáculo primordial continua sendo a censura institucionalizada por governos autoritários e movimentos ultraconservadores, que interpretam a pluralidade de gênero como ameaça à hegemonia cis-heteronormativa e aos valores tradicionais (Amery; Mondon, 2025; Osborn, 2025). Globalmente, produções explícitas são banidas ou sofrem cortes drásticos. A Rússia, por exemplo, institucionalizou leis contra a "propaganda homossexual", criminalizando narrativas não normativas para menores (Jones, 2025; Osborn, 2025). Essa criminalização reflete um panorama alarmante, onde a censura atua como ferramenta sociopolítica de apagamento (Jones, 2025).

Contudo, os desafios não se restringem a regimes autoritários. Em democracias ocidentais, a resistência cultural e o pânico moral operam como fortes mecanismos de coerção (Garland, 2008; Goode; Ben-Yehuda, 1994; Walsh, 2020). Tentativas de censura localizadas, como o boicote de estados conservadores norte-americanos a séries educacionais (Jans et al., 2026; Reinhard, 2025), evidenciam a profunda polarização no debate sobre a infância (Jans et al., 2026). Para setores reacionários, essas narrativas não refletem a realidade demográfica, mas operam como doutrinação (Marwick et al., 2024; Reinhard, 2025), impondo uma batalha exaustiva para alcançarem o público que necessita de validação identitária.

Arelado a isso, há o peso implacável do mercado globalizado. Estúdios hesitam em abraçar a diversidade explicitamente pelo receio de retaliações financeiras, divididas entre a censura estatal em mercados severamente restritivos, como a China e o Oriente Médio, e o risco de boicotes comerciais articulados por grupos conservadores no Ocidente (Anderson; Sussman; Song, 2024; Henry, 2024). Nesses territórios autoritários, personagens LGBTQIAPN+ centrais resultam em veto sumário; já no mercado ocidental, a inclusão explícita enfrenta forte pressão econômica alimentada por slogans discursivos como "quem lacra não lucra" (Alves; Romualdo, 2021) e sua matriz anglófona "get woke, go broke" (Henry, 2024). Essas campanhas instrumentalizam linchamentos virtuais e a reiteração da ideologia conservadora para associar a representatividade ao risco de prejuízo financeiro (Meira; Antunes; Oliveira, 2023; Rezende; Reis, 2022). Para mitigar esses danos e agradar a ambas as frentes, muitas empresas adotam a autocensura, recorrendo a representações sutis, facilmente removíveis na edição internacional, ou a inserções superficiais. Essa lógica mercantilista subordina a representatividade aos interesses do capital (Alam et al., 2026; Scharrer; Ramasubramanian; Banjo, 2022).

Em contrapartida, as plataformas de *streaming* emergiram como o principal vetor de resistência a esse cenário restritivo (Austin, 2023). Essa arquitetura sob demanda contorna as limitações da TV tradicional e a dependência de anunciantes avessos a polêmicas, permitindo liberdade criativa inédita para explorar orientações dissidentes com profundidade (Austin, 2023; Scharrer; Ramasubramanian; Banjo, 2022). Mais do que catálogos, funcionam como fóruns globais, permitindo que jovens em contextos repressores acessem narrativas que validam suas existências e promovem empatia (Salazar et al., 2020; Phan, 2025).

As perspectivas futuras são impulsionadas também pela democratização dos meios de produção. O barateamento tecnológico permitiu que criadores organicamente inseridos na comunidade LGBTQIAPN+ assumissem o controle de suas histórias, pressionando o mercado hegemônico (Alam et al., 2026; Brown, 2025a). Curtas como *In a Heartbeat* (2017), que viralizou ao retratar a descoberta afetiva entre dois adolescentes, demonstram a imensa demanda por representações autênticas (Salazar et al., 2020; Scharrer; Ramasubramanian; Banjo, 2022), provando que o sucesso já não depende exclusivamente das vias tradicionais.

Nesse cenário, a inclusão nas animações mantém-se em constante disputa (Jans et al., 2026). Para evitar

retrocessos, é imperativo que estúdios e plataformas mantenham um compromisso ético. Resistir às pressões de mercados intolerantes definirá se o entretenimento futuro refletirá a pluralidade real da experiência humana ou voltará a padrões de invisibilidade (Amery; Mondon, 2025; Jones, 2025; Last et al., 2026).

Conclusão

A representação da diversidade sexual e de gênero nas animações evoluiu de uma invisibilidade forçada e carregada de estereótipos negativos para uma visibilidade afirmativa, plural e protagonizada, especialmente com a ascensão das plataformas de *streaming*. O estudo demonstra que as animações, tanto orientais quanto ocidentais, não são apenas produtos de entretenimento, mas campos de disputa sociopolítica que refletem os avanços e as resistências morais de cada época.

A contribuição dessa análise reside em evidenciar a importância da mídia animada na construção identitária do público infantojuvenil. Longe de ser apenas um produto de entretenimento passivo, a animação atua como um laboratório simbólico e seguro onde crianças e adolescentes elaboram suas próprias subjetividades e aprendem a ler o mundo ao seu redor. Para jovens LGBTQIAPN+, que frequentemente crescem enfrentando sentimentos de inadequação ou isolamento, encontrar personagens que refletem suas vivências de forma positiva rompe com o ciclo de invisibilidade histórica, validando suas existências e afetos. Ao mesmo tempo, para o público em geral, o contato com narrativas plurais desmistifica preconceitos, cultiva a empatia e naturaliza a diversidade desde cedo. Trata-se, portanto, de reconhecer que as histórias consumidas na juventude fornecem o vocabulário emocional necessário para o desenvolvimento de uma autoimagem saudável e para a projeção de um futuro social mais acolhedor.

Em termos práticos, este cenário exige de psicólogos, educadores e profissionais da saúde um olhar atento ao consumo midiático, utilizando essas obras como ferramentas ativas para promover empatia, reduzir estigmas e acolher juventudes dissidentes. No contexto escolar, educadores podem incorporar essas narrativas para mediar debates sobre respeito às diferenças, prevenção ao *bullying* e letramento midiático, desconstruindo estereótipos em sala de aula. Já na prática clínica, psicólogos podem utilizar essas animações como recursos terapêuticos, facilitando o diálogo sobre angústias e autoaceitação com adolescentes, bem como empregá-las como material de apoio na psicoeducação para orientar famílias a compreenderem e acolherem seus filhos. O desafio futuro não é apenas garantir a criação dessas narrativas, mas proteger sua livre distribuição contra a censura e o retrocesso conservador.

Referências

ABELE, E. Visions of Red Riding Hood: Transformative Bodies in Contemporary Adaptations. *Humanities*, v. 12, n. 3, p. 48, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/h12030048>. Acesso em: 12 abr. 2026.

AHMED, S.; WAHAB, J. A. Animation and Socialization Process: Gender Role Portrayal on Cartoon Network. *Asian Social Science*, v. 10, n. 3, p. 44-53, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5539/ass.v10n3p44>. Acesso em: 15 abr. 2026.

ALAM, S. F.; SHAMS, M.; NAVEED, R.; KIANI, H. Z. Reimagining gender roles: a study of representation in 21st-century films. *The Critical Review of Social Sciences Studies*, v. 4, n. 1, p. 1587-1600, 2026. Disponível em: <https://doi.org/10.59075/zrb66644>. Acesso em: 10 maio 2026.

ALVES, R. V.; ROMUALDO, E. C. Os sentidos da expressão “Quem lacra não lucra” em um filme publicitário do Burger King. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 56, n. 3, p. 639-653, 2021. DOI: Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2021.3.40338>. Acesso em: 22 maio 2026

AMERY, F.; MONDON, A. Othering, peaking, populism and moral panics: the reactionary strategies of organised transphobia. *The Sociological Review*, v. 73, n. 3, p. 680-696, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/00380261241242283>. Acesso em: 05 jun. 2026.

ANDERSON, J. T. L.; SUSSMAN, K. L.; SONG, Y. To Be Woke or Not to Be Woke? An Exploration of the Moral Foundations of Conservative Rejection of Brand Activism. *Journal of Interactive Advertising*, v. 24, n. 4,

p. 368-381, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/15252019.2024.2396127>. Acesso em: 08 jun. 2026.

AUSTIN, S. Reimagining the past to construct the future: nostalgia and Netflix's *She-Ra: Adaptation*, v. 16, p. 281-293, 2023. Disponível em: Acesso em: 14 abr. 2026.

BROWN, N. Children's film studies: past, present, and future directions. *International Research in Children's Literature*, v. 18, n. 3, p. 353-358, 2025a. Disponível em: <https://doi.org/10.3366/ircl.2025.0638>. Acesso em: 20 maio 2026.

BROWN, T. Hollywood Film Style and the Production Code: Criticism and History. *Quarterly Review of Film and Video*, v. 42, n. 1, p. 1-50, 2025b. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/10509208.2024.2427536>. Acesso em: 18 abr. 2026.

BURGESS, S. R.; BRETTSCHEIDER, M.; KEATING, C. Staying tuned: LGBTQIA politics in the Trump era. *Politics & Gender*, v. 14, n. 4, p. 553-560, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S1743923X18000764>. Acesso em: 02 jun. 2026.

BUSTAMANTE, T.; COTRINA, D.; JORDÁN, I. V. Pintasas, bafônicas! ¡Fabulosos, reinas! ¡Fabulosas, divinas!: representaciones sexo-diversas en el doblaje de *Super Drags*. *CLINA Revista Interdisciplinaria de Traducción Interpretación y Comunicación Intercultural*, v. 8, p. 57-75, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.14201/clina2022815775>. Acesso em: 11 maio 2026.

CAMPOS, R. R. M. *Betty Boop*: dinâmicas raciais em alto e bom som. ANPPOM, 2026. Disponível em: <https://eventos.anppom.org.br/congresso/article/view/25>. Acesso em: 9 maio 2026. Acesso em: 9 maio 2026.

CARRASCO YELMO, S. ¿Víctima, seductora o verdugo? El reciclaje ambiguamente feminista de *Caperucita Roja*: de Charles Perrault a la cultura pop contemporánea. *Impossibilia. Revista Internacional de Estudios Literarios*, n. 27, p. 64-85, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.30827/impossibilia.272024.29866>. Acesso em: 17 abr. 2026.

CARVALHO FILHO, E. G.; MAKNAMARA, M. Masculinidades no currículo de "Tropa de Elite" e "Praia do Futuro". *Revista e-Curriculum*, v. 17, n. 4, p. 1502-1522, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/1809-3876.2019v17i4p1502-1522>. Acesso em: 25 mar. 2026.

CARVALHO, R. M. A. F.; SOUZA, V. L. T. Animes, mangás, psicologia e educação: uma revisão integrativa. *Revista Psicopedagogia*, v. 40, n. 123, p. 394-402, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.51207/2179-4057.20230036>. Acesso em: 13 maio 2026.

DENNIS, J. P. Perspectives: "The same thing we do every night": signifying same-sex desire in television cartoons. *Journal of Popular Film and Television*, v. 31, n. 3, p. 132-140, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/01956050309603674>. Acesso em: 04 abr. 2026.

DI SANTO, M.; BORGES, F. Corpo, gênero e identidade: uma revisão crítica de literatura. *Journal of Media Critiques*, v. 11, p. e396, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.17349/jmcvi.1n28-043>. Acesso em: 29 maio 2026.

DRESCHER, Jack. Out of DSM: Depathologizing Homosexuality. *Behavioral Sciences*, v. 5, n. 4, p. 565-575, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/bs5040565>. Acesso em: 07 abr. 2026.

DUNN, E. Steven Universe, fusion magic, and the queer cartoon carnivalesque. *Gender Forum*, v. 15, n. 1, p. 44-57, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.18716/ojs/gefo/2016.2690>. Acesso em: 16 abr. 2026.

ESCOBAR-CHAVES, S.; TORTOLERO, S.; MARKHAM, C.; LOW, B.; EITEL, P. Impact of the media on adolescent sexual attitudes and behaviors. *Pediatrics*, v. 116, p. 303-326, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1542/peds.2005-0355D>. Acesso em: 21 maio 2026.

GARLAND, D. On the concept of moral panic. *Crime, Media, Culture: An International Journal*, v. 4, n. 1, p. 9-30, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1741659007087270>. Acesso em: 12 jun. 2026.

- GOMILLION, S. C.; GIULIANO, T. A. The influence of media role models on gay, lesbian, and bisexual identity. *Journal of Homosexuality*, v. 58, n. 3, p. 330-354, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00918369.2011.546729>. Acesso em: 19 mar. 2026.
- GOODE, E.; BEN-YEHUDA, N. Moral panics: culture, politics, and social construction. *Annual Review of Sociology*, v. 20, p. 149-171, 1994. Disponível em: <https://doi.org/10.1146/annurev.so.20.080194.001053>. Acesso em: 08 jun. 2026.
- HENRY, T. M. "Get Woke, Go Broke": sport media's monetization of white male grievance in the age of Trump. *Critical Studies in Media Communication*, v. 41, n. 4, p. 320-333, 2024. DOI: Disponível em: <https://doi.org/10.1080/15295036.2024.2394163>. Acesso em: 14 abr. 2026.
- HOSKIN, R. Westernization and the Transmogrification of Sailor Moon. *Interalia: a journal of queer studies*, p. 78-89, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.51897/interalia/DSGQ4165>. Acesso em: 27 abr. 2026.
- JANS, L. K.; WUEST, J.; WILLIAMSON, N.; FLRNTJE, A.; LAST, B. S. "It's a trap for everyone": LGBTQ+ people's perspectives on anti-LGBTQ+ U.S. policies through a moral panic lens. *Sexuality Research and Social Policy*, 2026. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s13178-026-01371-0>. Acesso em: 15 jun. 2026.
- JONES, T. Trans bans expand: anti-LGBTIQ+ lawfare and neo-fascism. *Sexuality Research and Social Policy*, v. 22, p. 69-84, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s13178-024-00948-x>. Acesso em: 03 jun. 2026.
- KENNEDY, F. Change your mind: Stevonnie's new body schema and queer literacies in Steven Universe. *Journal of Visual Literacy*, v. 40, p. 1-17, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/1051144X.2021.1974774>. Acesso em: 22 maio 2026.
- LAST, B. S.; POUPARD, M.; WILLIAMSON, N.; JANS, L.; AURORA, S.; AURORA, A.; TRAN, N. K.; OBEDIN-MALIVER, J.; LUNN, M. R.; FLRNTJR, A. LGBTQIA+ people's perspectives on LGBTQIA+ -targeted state policies and mental health: a qualitative study. *JAMA Network Open*, v. 9, n. 1, p. e2546538, 2026. Disponível em: <https://doi.org/10.1001/jamanetworkopen.2025.46538>. Acesso em: 18 jun. 2026.
- LI-VOLLMER, M.; LAPOINTE, M. Gender transgression and villainy in animated film. *Popular Communication*, v. 1, p. 89-109, 2003. Disponível em: https://doi.org/10.1207/S15405710PC0102_2. Acesso em: 10 mar. 2026.
- MARWICK, A.; SMITH, J.; BASNIGHT, B.; BOYLES, D.; DONNELLY, M.; KACZYNSKI, S.; RINGEL, E.; WHITMARSH, S.; YABASE, C. Child-sacrificing drag queens: historical antecedents in disinformative narratives supporting the drag queen story hour moral panic. *Women's Studies in Communication*, v. 47, p. 1-21, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/07491409.2024.2396288>. Acesso em: 06 jun. 2026.
- MEIRA, J. S.; ANTUNES, D. C.; OLIVEIRA, I. F. N. Transfobia, linchamento virtual e o pensamento antidemocrático no Twitter. *Psicologia & Sociedade*, v. 35, e263652, p. 1-16, 2023. DOI: Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2023v35263652>. Acesso em: 30 abr. 2026.
- MOISÉS, M. *Dicionário de termos literários*. 12. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004.
- MONGIM, J. M.; MENANDRO, M. C. S.; SANT'ANNA, H. C. Pesquisas qualitativas sobre masculinidades e educação: revisão de estudos em duas bases de dados. *Revista Eletrônica de Educação*, v. 18, n. 1, p. e5692164, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.14244/reveduc.v18i1.5692>. Acesso em: 19 maio 2026.
- OSBORN, M. Groomers, gays, and gender ideology: why the anti-LGBTQIA+ legislative backlash is a moral panic and why criminologists should care. *Punishment & Society*, v. 27, n. 5, p. 959-983, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/14624745251344568>. Acesso em: 01 jun. 2026.
- PHAN, Q. The optics of support: 2SLGBTQIA+ students' perspectives on institutional leadership in higher education during times of political hostility. *The Journal of Higher Education*, v. 96, n. 7, p. 1352-1375, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00221546.2025.2557777>. Acesso em: 24 abr. 2026.
- RAJU, S. A.; SANDERS, S. R.; BOLTON-RAJU, K. S.; BOWKER-HOWELL, F. J.; HALL, L. R.; NEWTON, M.;

NEILL, G. S.; HOLLAND, W. J.; HOWFORD, K. L.; BOLTON, E. V.; ARORA, P.; RAJU, A. S.; SHAH, P. J.; AZMY, I. A. F.; SANDERS, D. S. A Cohort Study of the Diversity in Animated Films From 1937 to 2021: In a World Less Enchanted Can We Be More Encanto? *Cureus*, v. 15, n. 8, e43548, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.7759/cureus.43548>. Acesso em: 28 mar. 2026.

REINHARD, M. M. Parenting a new moral panic: anti-queer digital activism and reactionary media ecologies. *Television & New Media*, v. 26, n. 1, p. 44-57, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/15274764241277475>. Acesso em: 05 maio 2026.

REZENDE, R. O. D.; REIS, M. A. A verdade vos fará livre: resposta à ideologia conservadora na narrativa do Jesus da Gente no carnaval de 2020. *RuMoRes*, São Paulo, v. 16, n. 32, p. 149-170, 2022. DOI: Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-677X.rum.2022.202035>. Acesso em: 12 maio 2026.

SADIQ, B. B. M.; BAGHAVANDOSS, E. P. Understanding Law and Sustainability in Children's Literature Through the Lens of Queer Studies in Animations and Cartoons from America. *Revista de Gestão Social e Ambiental*, v. 18, n. 1, p. 1-13, e04938, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.24857/rgsa.v18n1-086>. Acesso em: 20 abr. 2026.

SALAZAR, A. M.; HAGGERTY, K. P.; BARKAN, S. E.; PETERSON, R.; FURLONG, M. E.; KIM, E.; COLE, J. J.; COLITO, J. M. Supporting LGBTQ+ Foster Teens: Development of a Relationship-Focused, Self-Guided Curriculum for Foster Families. *Sexuality Research and Social Policy*, v. 17, n. 2, p. 239-251, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s13178-019-00387-z>. Acesso em: 15 jun. 2026.

SANTONICCOLO, F.; TROMBETTA, T.; PARADISO, M. N.; ROLLÈ, L. Gender and media representations: a review of the literature on gender stereotypes, objectification and sexualization. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 20, n. 10, p. 1-15, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijerph20105770>. Acesso em: 10 jun. 2026.

SCHARRER, E.; RAMASUBRAMANIAN, S.; BANJO, O. Media, diversity, and representation in the U.S.: a review of the quantitative research literature on media content and effects. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, v. 66, n. 4, p. 723-749, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/08838151.2022.2138890>. Acesso em: 23 maio 2026.

SONTAG, S. Notas sobre o camp. In: SONTAG, Susan. *Contra a interpretação*. Tradução de Sergio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 332-352

SUNDARAM, S. Rhetorical empathy and queer affect in the fandom of anime and manga. *OSF Preprints*, 2025. Disponível em: https://doi.org/10.31235/osf.io/smd6f_v2. Acesso em: 07 maio 2026.

THOMAS, P. She-Ra and the Princesses of Power as queer monomyth. *The Journal of Popular Culture*, v. 54, p. 1-14, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/jpcu.13067>. Acesso em: 16 jun. 2026.

TOLEDO, L. M. A. Panorama da obra fílmica de Tennessee Williams em Hollywood na década de 1950: o código Hays, o mainstream e a ruptura cultural. *Revista do GELNE*, v. 27, n. 2, p. e40536, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.21680/1517-7874.2025v27n2ID40536>. Acesso em: 02 abr. 2026.

UMER, S.; ALI, R. A. Melodies of meaning: deconstructing gender in Disney narratives through feminist post-structuralist discourse analysis. *The Critical Review of Social Sciences Studies*, v. 3, n. 2, p. 2084-2099, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.59075/y43tnj03>. Acesso em: 11 jun. 2026.

WALSH, James P. Social media and moral panics: Assessing the effects of technological change on societal reaction. *International Journal of Cultural Studies*, [S. l.], v. 23, n. 6, p. 840-859, nov. 2020. DOI: Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1367877920912257>. Acesso em: 05 mar. 2026.

WELSH-BURKE, N. All the Better to Eat You with: Sexuality, Violence, and Disgust in 'Little Red Riding Hood' Adaptations. *Literature*, v. 3, n. 4, p. 416-429, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/literature3040028>. Acesso em: 29 abr. 2026.

Recebido em: 01/07/2026
Aprovado em: 29/09/2026